



Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

LICENCIATURA EM QUÍMICA

Estágio Supervisionado IV

PROFESSOR: Victor Gomes
Aluna: Beatriz Gomes

Durante meu estágio como professora, cada aula significa uma oportunidade de aprendizado para alunos e professores. Essa ideia se tornou cada vez mais real para mim durante o estágio. Nesta reflexão, quero compartilhar minha experiência lecionando no laboratório de química no ensino médio no Liceu de Humanidades de Campos, explorando os conceitos de polarização e forças intermoleculares. Minha análise será baseada no ciclo reflexivo proposto por John Smyth (1991) — descrever, informar, confrontar e reconstruir — e me basearei em autores como Donald Schön (1992), Shulman (1986, 1987) e Ponte (1997), que nos ajudam a compreender como os professores se desenvolvem por meio da reflexão sobre sua prática.

Descrever

No início da aula, dividi os alunos em grupos em suas mesas de laboratório. Expliquei as precauções de segurança e, em seguida, comecei a ensinar o conteúdo, baseando-me no conhecimento que eles já tinham sobre polaridade.

Realizei experimentos com materiais simples e cotidianos para demonstrar as interações entre substâncias e, a cada passo, procurei provocar questionamentos, ouvir suas hipóteses e construir conhecimento com eles. Em seguida, trabalhamos juntos na parte teórica no quadro, discutindo moléculas polares e apolares e forças intermoleculares. Por fim, distribuí um jogo da memória sobre tipos de forças e fiquei satisfeito ao ver que os alunos se mantiveram engajados até o final da aula.

Informar

Nessa abordagem, inspirei-me em ideias como as de Vygotsky, que defende a aprendizagem como um processo social, e de Paulo Freire, que discute a importância de valorizar o conhecimento dos alunos. Senti que a turma caminhava nessa direção: havia diálogo, troca e os alunos estavam participando genuinamente. Reconheço também que essa proposta se alinha às expectativas da BNCC, promovendo habilidades como argumentação, pensamento crítico e trabalho em equipe.

Confrontar

Mas quando parei por um momento para refletir, percebi o que poderia ter sido feito melhor. No início da explicação, eu estava muito perto de apenas algumas bancadas,

o que dificultou um pouco a interação com toda a turma, isso acontece no laboratório pois a bancada principal não fica no meio e dessa forma acabo perdendo um pouco da noção de espaço. Outro problema foi que, apesar de discutir a escala de eletronegatividade, não a escrevi no quadro como havia planejado, mostrando que ela estava em uma escala crescente, o que pode ter gerado uma confusão para os alunos. Além disso, desenhei as cargas parciais às pressas, sem muita clareza, o que evidencia uma falta de confiança da minha parte com o desenho e também só usei a estrutura da molécula de óleo que estava desenhada no quadro no final da explicação, quando teria feito muito mais sentido inicialmente, quando surgiu uma dúvida sobre o óleo e sabão.

Essas observações só foram possíveis porque analiso constantemente minha prática, algo que desenvolvi durante meus quatro estágios. Graças a essa experiência recente, me senti muito mais preparado para lidar com os desafios da sala de aula. Consegui lidar melhor com as dúvidas dos alunos, manter o controle da sala de aula e tomar decisões com mais confiança. Isso não significa que tudo tenha corrido perfeitamente, muito pelo contrário. No entanto, aprendi que ser professor é, acima de tudo, refletir constantemente sobre o que foi feito, questionar escolhas e buscar melhores caminhos.

Reconstruir

Como posso fazer as coisas de forma diferente? Esta pergunta me guia nesta etapa final do ciclo reflexivo. Ela se relaciona diretamente com a proposição de autoemancipação, a compreensão de que as práticas acadêmicas não são imutáveis e que devemos aproveitar o poder do desafio. Refletindo profundamente sobre minha prática, percebo que posso buscar alternativas para o que não funcionou tão bem, redesenhando minhas atividades de forma mais consciente e intencional.

Com isso em mente, eu aprimoraria o aproveitamento do meu laboratório para atingir todos os grupos de forma mais uniforme. Também quero aprimorar a forma como apresento as cargas parciais no quadro, explicando-as com mais calma e clareza. Além disso, sei que preciso aproveitar melhor os momentos em que surgem perguntas, especialmente aquelas que apontam para conexões importantes com o conteúdo como a molécula de óleo, que poderia ter enriquecido a aula se tivesse sido levantada no momento certo. Todas as atividades reflexivas que realizei durante

meus estágios — como relatórios, discussões com colegas, elaboração de planos e análises — foram cruciais para me conscientizar da continuidade desse processo. Mesmo diante dos desafios que surgem em sala de aula (e são muitos), bem como daqueles que enfrentamos em nossa vida como professores, é justamente essa disposição para examinar criticamente nossa própria prática que nos ajuda a crescer.



Imagem 1: Momento da aula em que dou atenção a bancadas específicas, evidenciando meu posicionamento durante a explicação.

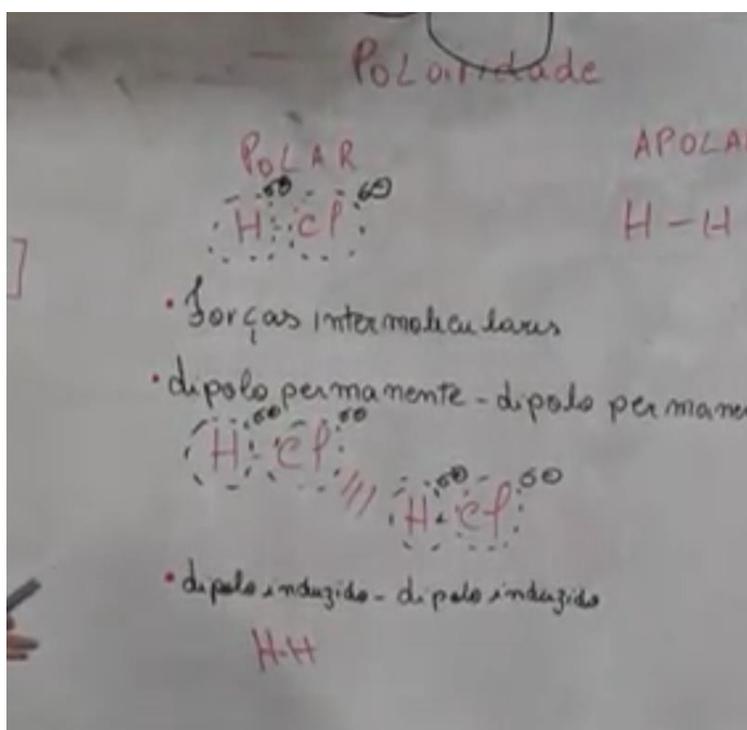


Imagem 2: Quadro com o desenho confuso das cargas parciais, ilustrando uma das dificuldades identificadas na etapa de confrontar.

Essa experiência em sala de aula me fez perceber o quanto eu havia evoluído na

minha formação, mas também o quanto eu ainda precisava aprender e melhorar. Usar o ciclo de reflexão de Smyth foi importante para organizar essa perspectiva crítica em sala de aula e me ajudou a entender como ações simples como mudar de posição na sala, planejar melhor um desenho no quadro ou fazer uma pergunta no momento certo podem ter um impacto profundo na aprendizagem dos alunos. Como diz Shulman, ensinar é mais do que apenas dominar um conteúdo: é a capacidade de transformá-lo em algo significativo para o aluno. E, como argumenta Ponte, esse crescimento só é possível quando o professor se vê como um pesquisador de sua própria prática. Em última análise, ensinar é exatamente isso: um processo vivo, cheio de desafios e recomeços, no qual o mais importante é nunca parar de se questionar.

Referências:

DE CARVALHO SANTOS, Juliana Ormastroni. Perspectiva crítico-reflexiva e colaboração na formação do professor. **Revista Internacional de formação de professores**, v. 4, n. 1, p. 85-99, 2019.

DOS SANTOS, Adriele Ribeiro; NETTO, Manoel de Souza Lamim; ZANON, Dulcimeire Aparecida Volante. A reflexão na formação inicial de professores:: contribuições das perguntas pedagógicas e das narrativas. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. e020003-e020003, 2020.

LIMA, Licínio C. Mudando a cara da escola. Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. 1998.